

**EXPERIÊNCIA DOCENTE NO ENSINO MÉDICO A ESTUDANTES COM
NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS: UM RELATO SOBRE
PRÁTICAS INCLUSIVAS**

Autores:

Naudia da Silva Dias^[1], Rosely Santos Silva^[2], Cristiane Coimbra de Paula^[3], Fernanda Mesquita Pucca^[4], Manoel Antônio Ramos Neto^[5], Karyme Lucila Jabra^[6], Marilene Hiller^[7], Adilson Gomes de Campos^[8], Beluce Arruda de Camargo Monteiro^[9], Walkiria Shimoya-Bittencourt^[10].

Introdução: A crescente inclusão de estudantes com necessidades educacionais específicas no ensino superior, incluindo o curso de Medicina, representa um desafio e uma oportunidade para promover práticas pedagógicas mais humanizadas e efetivas. Alunos com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH), dislexia e transtorno do espectro autista (TEA) apresentam especificidades cognitivas e comportamentais que demandam estratégias diferenciadas. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência docente na adaptação do ensino de habilidades médicas a estudantes com essas condições, buscando garantir equidade no processo de ensino-aprendizagem. **Método:** Trata-se de um relato de experiência com abordagem qualitativa, realizado nos anos de 2023 e 2024, na disciplina de Habilidades Técnicas Médicas do curso de Medicina. A identificação dos estudantes com necessidades específicas ocorreu por meio de comunicação espontânea e entrega de laudos à coordenação pedagógica. Houve acompanhamento individual sistemático, baseado na observação direta em sala de aula e em laboratório, com registro por meio de anotações processuais ao longo do semestre. As adaptações pedagógicas foram realizadas com base em princípios da educação inclusiva e metodologias ativas, como o PBL e a aprendizagem por pares. **Descrição:** Durante as práticas de simulação e procedimentos técnicos, observou-se a presença de estudantes com diferentes necessidades, como TDAH, dislexia e TEA. As intervenções pedagógicas foram implementadas conforme a demanda percebida, incluindo o uso de instruções segmentadas, apoio visual, tempo ampliado para execução das atividades e estímulo ao trabalho colaborativo. As observações docentes indicaram melhora no engajamento e no desempenho prático dos estudantes após as adaptações realizadas. **Conclusão:** A experiência evidenciou que práticas pedagógicas inclusivas podem ser integradas de forma efetiva no ensino médico, mesmo com acompanhamento individualizado formal. A observação atenta do professor e intervenções ajustadas à realidade dos estudantes contribuíram para a aprendizagem significativa. Como desafio, destaca-se a necessidade de políticas institucionais mais consolidadas de inclusão e a presença de equipe multiprofissional de apoio. Recomenda-se a ampliação da capacitação docente em educação inclusiva no contexto da formação médica.

Palavras-chave: Ensino inclusivo; Transtornos de aprendizagem; Medicina; Educação médica; Acessibilidade pedagógica

¹ Doutora em Biociência Animal pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: naudia.dias@univag.edu.br

Referências

1. Brasil. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC; 2020. <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>
2. Carvalho LMF de, Guedes AL, Borges DT, Tuzzin L, Peixoto YG, Largura C da S. Desafios e oportunidades na educação médica no século XXI: uma revisão integrativa da literatura. Cad. Pedagógico [Internet]. 14º de janeiro de 2025 [citado 29º de julho de 2025];22(1):e13329. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/13329>
3. Estratégias pedagógicas inclusivas na educação superior / Ana Cláudia Oliveira Pavão, Sílvia Maria de Oliveira Pavão (organizadoras). – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2018. 348 p. : il. : 24 cm.
4. Marian A. L. Dias Ferrari, Marie Claire Sekkel Educação inclusiva no ensino superior: um novo desafio. Psicol. cienc. prof. 27 Dez 2007. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000400006>

Autores:

- ¹ Doutora em Biociência Animal pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: naudia.dias@univag.edu.br
- ² Mestre em Saúde Odontológica pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: rosely@univag.edu.br
- ³ Doutora em Biociência Animal pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: cristiane.paula@univag.edu.br
- ⁴ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade de São Paulo (UNIFESP). Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: fernanda.pucca@univag.edu.br
- ⁵ Médico Oncologista. Professor do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: manoel.neto@univag.edu.br
- ⁶ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: karyme.jabra@univag.edu.br
- ⁷ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: marilene.hiller@univag.edu.br
- ⁸ Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Professor do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: adilson.campos@univag.edu.br
- ⁹ Doutoranda em Biociência Animal pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: beliche@univag.edu.br

¹⁰ Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Professora do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG). E-mail: wshimoya@univag.edu.br